

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EXPOSIÇÕES DE MUSEUS DE CIÊNCIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTABELECENDO CONEXÕES

Ozias de Jesus Soares; Carla Gruzman; Carolina Marques Ramos de Moraes

Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz / Museu da Vida – ozias.soares@fiocruz.br; carlag@fiocruz.br; carolinamarques@id.uff.br

Introdução

Os estudos sobre as relações que se estabelecem entre os museus e as instituições de educação formal no Brasil vêm amadurecendo nos últimos anos. Atualmente, cada vez mais a universidade vem sendo chamada à constituição de parcerias que potencializem a formação de profissionais que compreendam o museu enquanto espaço educativo com suas particularidades. Os museus experimentam uma expansão quantitativa no Brasil e as investigações se estendem para além de estudos relacionados aos acervos ou que subsidiem a prática de curadoria. No âmbito das exposições, observamos que pesquisas têm ampliado seu escopo para contemplar aspectos voltados para a prospecção de públicos específicos, os atores sociais e processos de recontextualização de saberes envolvidos na elaboração de exposições, as ações educativas propostas nesses espaços e aspectos relacionados às interações dos visitantes com as exposições (GOUVÊA et al, 2003).

Propomos neste trabalho apresentar o andamento de uma pesquisa que tem seu *locus* num museu de ciências no Rio de Janeiro e que se encontra na interseção entre exposição, práticas educativas em museus, universidade e formação de professores¹. Trata-se de uma iniciativa de dividir o assunto com pares e interessados no tema, como ainda exercitar o olhar da equipe para o transcurso de pouco mais de um ano de pesquisa, com seus avanços, primeiros resultados e horizontes adiante.

O objetivo da pesquisa é investigar práticas de leitura e apropriação do discurso expositivo dos estudantes vinculados a cursos de licenciatura de universidades da região metropolitana do Rio de Janeiro, em contexto de visita às exposições em Museus de Ciências. Um conjunto de objetivos específicos diz respeito à formação inicial de professores. Para isto buscamos (a) compreender como são constituídas as visitas aos museus no âmbito da formação inicial de professores, abordando os objetivos e as formas de organização das práticas educativas que balizam o contexto

¹ A pesquisa teve início em dezembro de 2015, prevista para ser concluída em dezembro de 2018.



da visita; queremos também (b) identificar e explorar de forma mais aprofundada e sistemática o repertório de maneiras pelas quais os estudantes de licenciatura produzem significações, a partir de suas experiências de visitas às exposições de museus de ciências; e por fim, pretendemos (c) analisar as articulações produzidas pelos estudantes de licenciatura sobre as duas esferas educativas – formal e não formal – com relação aos conteúdos, aos objetos e elementos que constituem o discurso expositivo. Derivado desses, queremos consolidar parâmetros para o desenvolvimento de materiais educativos e de divulgação em ciências em museus direcionados aos professores.

Metodologia, Resultados e Discussão

No Brasil a relação da universidade com os museus e o público possui uma história relativamente recente. Nos anos de 1960 foram criados no Brasil alguns “centros de ciências” vinculados a universidades com o objetivo de assessorar professores com palestras, cursos, produção de materiais didáticos e, de modo tangencial, com alguma dedicação à divulgação da ciência. Mais adiante vemos a multiplicação de museus de ciências e outras tipologias que passaram a estabelecer relações com a escola e universidade.

Em anos recentes observamos algumas iniciativas de professores universitários no sentido de realizarem visitas aos museus com seus alunos, orientados seja por questões de aproximação temática com o currículo da disciplina, ou pela possibilidade de colocar um leque de opções de futura atuação profissional ou mesmo por questão de conhecimento dos espaços culturais da cidade. Os estudos que abordam a questão da formação de professores na relação com os museus e centros de ciências, embora incipiente, vem adquirindo maior força nos últimos anos.

Embora a escola seja uma assídua frequentadora dos museus (KOPTCKE, 2005) a relação com a formação dos professores parece caminhar de modo tímido. Em pesquisa realizada em universidades do Rio de Janeiro, Souza (2016) apontou uma ausência de discussão sobre a *educação não formal* nos cursos de Pedagogia que pudesse, por exemplo, contemplar o tipo de educação que ocorre nos museus.

Com a ampliação e o fortalecimento do museu como espaço educativo (MARTINS, 2011), verificam-se em anos recentes os esforços realizados para compreender os processos sociais envolvidos na prática de exposições no contexto brasileiro. Entendemos que as exposições são o principal meio de comunicação do museu com seus públicos.

Neste contexto, a elaboração de exposições é uma atividade que mobiliza um conjunto abrangente de elementos simbólicos e materiais que são organizados a fim de produzir sentidos específicos relacionados, em geral, a um tema. Para sua materialização, agrega uma variedade de tipologias de acervos, objetos, imagens, aparatos interativos, mídias, material expográfico, entre outros.

A exposição é também a materialização da articulação entre *objeto, lugar e tempo* que conformam a sua lógica específica, como afirmam Van-Praët e Poucet (1992). A reflexão dos pesquisadores do Museu Nacional de História Natural (França) procura destacar a pedagogia particular do museu, como denominam, e pretende delimitar os aspectos que caracterizam a educação museal em relação à educação escolar.

Para Jean Davallon (1999) a exposição deve ser compreendida como um artefato cultural dinâmico, que traz a perspectiva do seu processo de produção e é atualizada a partir da presença e das diferentes formas de participação do público. Trata-se de um dispositivo técnico, social e semiótico, que organiza e estabelece formas de mediação entre os produtores e os visitantes em interação com o *espaço, o objeto e o tempo* do museu. O autor traz para a discussão um quarto elemento que caracteriza a exposição a – a *linguagem*. Esta se vincula tanto aos processos de transformação dos diferentes saberes dos atores envolvidos na produção da exposição quanto é fruto das relações sociais e culturais que ocorrem nestes locais (DAVALLON, 1999; MARANDINO, 2005).

No âmbito da exposição, a leitura corresponde a formas de interpretação do visitante em relação ao percurso e as escolhas de participação que realiza na exposição. O visitante lê e reconhece textos, imagens e objetos que estão organizados em diferentes suportes da exposição e interage com eles buscando reconhecer as marcas de intencionalidade e conteúdos apresentados. Essas marcas têm como função facilitar a leitura e, por outro lado, originam construções de sentidos particulares do visitante que estabelece pontes com conhecimentos e experiências prévias.

A pesquisa compartilha referenciais comuns aos estudos de cunho qualitativo e interpretativo desenvolvidas no campo da educação em museus. Fundamenta-se em perspectivas teóricas que integram abordagens discursivas às discussões sobre os processos educativos que tomam parte nos museus e centros de ciências. Essas abordagens reforçam o papel da linguagem como constitutiva do sujeito e não apenas como forma de comunicação entre as pessoas (BAKHTIN, 1997; FAIRCLOUGH, 2001).

Uma referência relevante é o trabalho de Dufresne-Tassé (1998), que traz para o contexto do museu uma proposta para acessar a experiência de adultos em visita a exposições por meio da solicitação de suas impressões ao longo do percurso no ambiente – método conhecido por *thinking aloud*. A autora parte do pressuposto de que as gravações dessas verbalizações aliadas à observação do público irão possibilitar ao pesquisador o acesso mais direto aos aspectos dos processos mentais como as observações e reflexões produzidas pelos visitantes.

Conclusões

Nesta primeira etapa da pesquisa, organizamos prioritariamente as ações de gestão relacionadas aos documentos de planejamento, cronograma de trabalho, seleção e contratação de bolsista e a elaboração do termo de parceria com uma Universidade pública da região metropolitana do Rio de Janeiro e definição de estratégias para um exercício de produção de dados junto aos alunos visitantes. Nesta Universidade a parceria se constituiu com professores da Faculdade de Educação, na disciplina de Pesquisa e Prática de Ensino, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Realizamos também estudos preliminares que totalizaram 6 observações sistemáticas, incluindo gravações de áudios e entrevistas com grupos de alunos de licenciaturas de três instituições de ensino superior do Rio de Janeiro.

Realizamos dois exercícios sistemáticos de observação em dois diferentes museus: com uma turma do curso de Arquitetura de uma universidade privada no Rio de Janeiro (35 alunos) a um museu de ciências e outra turma do curso de Pedagogia de uma IES pública (20 alunos) na mesma cidade em visita a um museu de história. Nosso objetivo foi acompanhar o grupo e observar suas interações, conversas, o modo como se dirigiam e se detiam diante dos textos e objetos da exposição, a forma como dialogavam com os mediadores, perceber o que chamava mais a atenção do grupo, por exemplo, através dos registros fotográficos que faziam, entre outros aspectos.

Seja no primeiro caso (turma de Arquitetura) ou no segundo (Pedagogia), um aspecto que começava a chamar nossa atenção na pesquisa era a forma como as visitas eram conduzidas nos dois casos, já que os museus adotavam a visita mediada como estratégia de recepção do público. Considerando que o *thinking aloud* requer que o visitante fale livremente suas impressões, um primeiro resultado do estudo realizado apontou que a gravação dos áudios, ao longo do percurso, deveria considerar a ocorrência dessas intervenções.

Com as turmas de licenciatura em Ciências Biológicas, acompanhamos 3 atividades em dois museus de ciências na cidade do Rio de Janeiro em que participaram 37 alunos. Além das observações sistemáticas no espaço expositivo, duas visitas tiveram como foco principal o aprofundamento das discussões em torno de aspectos da metodologia. Os estudantes foram organizados em duplas que portavam gravadores, outros exploraram a exposição de forma individual também portando gravadores e um terceiro grupo foi acompanhado de observações sistemáticas. Aqueles que portaram gravadores foi solicitado que registrassem livremente as conversas e impressões e também realizamos entrevistas com um grupo.

A partir desta primeira etapa que buscou estabelecer critérios para melhor delimitar os instrumentos da pesquisa, foi possível reunir alguns apontamentos que norteiam os passos seguintes da pesquisa. As atividades realizadas mostraram a importância da aproximação do museu com a universidade via exposições. Outro apontamento nos levou a perceber que dentre os três museus visitados a produção de sentidos no percurso expositivo deve levar em consideração o trabalho da mediação. Neste caso, as entrevistas pós-visita terminam sendo estratégia fundamental, tendo em vista a identificação de aspectos que interferem na gravação de áudios individuais ou diálogos em pequenos grupos juntamente com a fala do mediador.

Reunimos cerca de 23 horas de gravações para análise que estão sendo transcritas para que a equipe da pesquisa detenha o olhar sobre este primeiro material. Os exercícios e aproximações realizados ao longo do primeiro ano da pesquisa, somados às leituras e discussões promovidas no âmbito da pesquisa antecipam alguns resultados, sejam eles relativos ao fortalecimento da parceria do Museu com a universidade, e ainda as possibilidades de explorarmos variadas abordagens metodológicas relacionadas à leitura e apropriação do discurso expositivo. Neste sentido, cabe dizer da rica agenda de encontros e de conversas com a equipe da Universidade parceira e o alinhamento de objetivos comuns. Nossa expectativa é que os dados produzidos de agora em diante ajudem-nos a fortalecer os aspectos ligados às práticas educativas em exposições de museus de ciências, no tocante à articulação com a formação inicial de professores.

Na etapa em andamento, será fundamental a agenda de visitas dos alunos no sentido de continuarmos a utilização das abordagens metodológicas do *thinking aloud*, observações e entrevistas, bem como a adequação dos instrumentos da pesquisa.

Intencionamos organizar uma coletânea de documentos produzidos pelos docentes sobre as práticas educativas ocorridas em conjunção aos espaços museais. Junto a este, estamos reunindo outras fontes e materiais sobre práticas educativas em exposições de museus de ciências na

formação inicial de professores com interesse em disponibilizá-lo para futuros estudos que congregam o debate o escopo da pesquisa. A elaboração de um Relatório Técnico precederá à etapa da produção do material voltado para professores. Os resultados decorrentes das investigações pretendem colaborar no desenvolvimento das pesquisas em Educação em Museus, especialmente nas reflexões sobre o enfoque da recepção de grupos particulares de visitantes – professores em formação – que participam de visitas às exposições.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. (Original russo de 1929)

DAVALLON J. **L'Esposition à L'Ouvre: stratégies de communication et médiation symbolique**. France: L'Harmattan, 1999.

DUFRESNE-TASSÉ, C. et al. Le function nement imaginaire du visiteur adulte ensalled' exposition: définition, mode d'accès et premières observations [The Workings of the imagination of adult visitors in an exhibition gallery: definition, access, and first observations]. In: DUFRESNE-TASSÉ, C. (Ed.). **Évaluation et éducation muséale: nouvelles tendances/Evaluation and Museum, Education: new trends/Evaluación y educación museística: nuevas tendencias**. Paris: ICOM, 1998. p. 61–77.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (Org.). **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. 233p.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Bárbaros, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil, In: Chagas, M., S., (Org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 184-205, 2005.

MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 183-203, 2005. Suplemento.

MARTINS, Luciana Conrado (Org). **Que público é esse?: formação de públicos de museus e centros culturais**. São Paulo: Percebe, 2013.

SOUZA, Renata Nascimento de. **O pedagogo e os espaços não escolares: a atuação nos museus**. Dissertação (mestrado em Educação) - Departamento de Educação, PUC RJ, Rio de Janeiro, 2016.

VAN PRAËT, M.; POU CET, B. Les musées, lieux de contre-éducation et de partenariat avec l'école. **Éducation & Pédagogies**, Sèvres, n. 16, 1992.